

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Artes - Campus São Paulo
Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais

**Memórias da Zona Leste de São Paulo e seus aspectos
Culturais: arte/educação como mecanismo de
pertencimento à cidade**

Maria Alice Piassi Dellalibera



São Paulo, 2023

Maria Alice Piassi Dellalibera

**Memórias da Zona Leste de São Paulo e seus aspectos
Culturais: arte/educação como mecanismo de
pertencimento à cidade**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Licenciatura em Artes Visuais, no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp), como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Rejane Galvão Coutinho

São Paulo, 2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

D357m Dellalibera, Maria Alice Piassi, 1998-

Memórias da Zona Leste de São Paulo e seus aspectos culturais / Maria
Alice Piassi Dellalibera. -- São Paulo, 2023.
70 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rejane Galvão Coutinho.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte e sociedade. 2. Brasil - cultura popular. 3. Difusão cultural - São
Paulo (SP). 4. Patrimônio cultural - Proteção. 5. Mediação cultural. I.
Coutinho, Rejane Galvão. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Artes. III. Título.

CDD 709.8161

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

Maria Alice Piassi Dellalibera

Memórias da Zona Leste de São Paulo e seus aspectos Culturais: arte/educação como mecanismo de pertencimento à cidade

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Licenciatura em Artes Visuais, no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp), como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Rejane Galvão Coutinho

Trabalho de conclusão de curso aprovado em 27 de novembro de 2023.

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Rejane Galvão Coutinho

Prof^a. Mestranda Tainá Alves Custódio

São Paulo, 2023

Agradecimentos e dedicatória

Para meus avós: Maria, Dirce, Luís e Lázaro, **migrantes** que tiveram seus caminhos cruzados em **São Miguel Paulista** (São Paulo, SP).

Agradeço aos que intercederam e estiveram do meu lado em todos os âmbitos;
aos professores da minha família;
aos professores que passaram pela minha vida e aos que até hoje me orientam;
aos meus amigos de dentro da Unesp e de fora dela também.

**“Onde há amor e sabedoria,
não tem temor e nem ignorância.”**

São Francisco de Assis

Resumo

Esta monografia terá como propósito apresentar um panorama histórico-cultural da Zona Leste de São Paulo para sua valorização. Resultando em uma proposta pedagógica sob um olhar crítico a respeito da democratização e da distribuição do acesso aos meios culturais da cidade, adjunto a uma breve análise do seu processo social-urbano no quesito educacional. Além da importância e presença do seu bem patrimonial material e imaterial, será correlacionado com experiências pessoais e interpessoais. Com efeito, a proposta final se baseará em uma atividade de oficina e/ou aula, cuja premissa será a experiência estética e artística dos estudantes, ou interessados, a partir de suas vivências na periferia ligadas aos processos de desenvolvimento da cidade.

Palavras chaves: Mediação cultural; Arte/educação; Periferia - Zona Leste; Difusão cultural - São Paulo (SP); Patrimônio cultural.

Abstract

This monograph will aim to present a historical-cultural view of the East Zone of São Paulo for its cultural appreciation resulting in a pedagogical proposal. Under a critical look at the democratization and distribution of access to the city's cultural resources, together with a brief analysis of its urban social process in terms of education. In addition to the importance and presence of your material and immaterial heritage, it will be correlated with personal and interpersonal experiences. In effect, the final proposal will be based on a workshop and/or class activity, whose premise will be the aesthetic and artistic experience of students, or interested parties, based on their experiences on the outskirts correlated to the city's development process.

Keywords: Cultural mediation; Art/education; Periphery - East Zone; Cultural diffusion - São Paulo (SP); Cultural heritage.

Índice de Ilustrações

Figuras

Figura 1	<i>Visita ao Museu da Imigração, 2014.</i>	10
Figura 2	<i>Pintura a óleo - 4400 na variante, pela autora. 2019.</i>	11
Figura 3	<i>Fotografias em filme preto e branco pela São Bento</i>	12
Figura 4	<i>Oficina de bordado e têxtil em 2018.</i>	13
Figura 5	<i>Cenas fotografadas e editadas digitalmente para a obra FerroGif.</i>	15
Figura 6	<i>Mapa da Zona Leste e seus principais distritos.</i>	18
Figura 7	<i>Aguardando em Brás, 2019.</i>	20
Figura 8	<i>Espaços culturais em São Paulo, 2015.</i>	22
Figura 9	<i>Festa do Pêssego em Itaquera na década de 60.</i>	27
Figura 10	<i>Minha avó Dirce e sua irmã, no clube da fábrica Cia. Nitro Química (1956)</i>	28
Figura 11	<i>Cine Guaianazes nos anos 60. Inaugurado na década de 50.</i>	29
Figura 12	<i>Edifício da antiga sede da fábrica Antártica na Mooca, 2023.</i>	30
Figura 13	<i>Entrando na Vila Maria Zélia, 2017.</i>	31
Figura 14	<i>Ruínas da Escola das Meninas na Vila Maria Zélia em 2017.</i>	32
Figura 15	<i>Habitações operárias na Vila Nitro Operária em São Miguel pta.</i>	33
Figura 16	<i>Turma do ginásio na década de 70. E.E. Dom Pedro I - S. Miguel pta.</i>	34
Figura 17	<i>Desenho presente de uma aluna do 3º ano do fundamental.</i>	35
Figura 18	<i>Rampa para as salas E.M.E.F Arquiteto Luís Saia.</i>	35
Figura 19	<i>Palestra do Prof. Dr. Casé Angatu Xukuru Tupinambá e visita, 2019.</i>	38
Figura 20	<i>Ação educativa com o jogo de tabuleiro Passeando pelas Ruas.</i>	39
Figura 21	<i>Capela de São Miguel.</i>	43
Figura 22	<i>Detalhes das pinturas murais dos altares da Capela.</i>	44
Figura 23	<i>Carranca e cariátide no interior da Capela. Carregam signos indígenas.</i>	45
Figura 24	<i>Imagens sacras presentes no Museu.</i>	46
Figura 25	<i>Alpendre do Sítio do Tatuapé.</i>	48
Figura 26	<i>Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, na Penha.</i>	49
Figura 27	<i>Detalhes da fazenda biacica, no Itaim Paulista.</i>	50
Figura 28	<i>Slam Guilhermina</i>	51
Figura 29	<i>Detalhe da fachada do espaço Movimento Cultural Mateus Santos</i>	52
Figura 30	<i>Cine Campinho no Lajeado</i>	52
Figura 31	<i>Muro de grafites da Radial Leste, na altura da estação Vila Matilde 2014</i>	53
Figura 32	<i>Alguns resultados da oficina de bordado em fotografias, 2019.</i>	54
Figura 33	<i>Alguns resultados da oficina de introdução à argila e cerâmica, 2019.</i>	54
Figura 34	<i>Intervenção artística agulhas de Ururay, 2018.</i>	55
Figura 35	<i>Intervenção artística agulhas de Ururay, 2018 - imagens do processo.</i>	56
Figura 36	<i>Conjunto de casinhas em minha rua durante a pandemia, 2020.</i>	58
Figura 37	<i>Paróquia Nossa Senhora do Carmo, Itaquera.</i>	61
Figura 38	<i>Biblioteca Municipal Sérgio Buarque de Holanda, Itaquera.</i>	61
Figura 39	<i>Casa da Memória, Itaquera.</i>	62
Figura 40	<i>Rio Tamanduateí, São Paulo, SP. Por Antônio Ferrigno, 1894.</i>	64
Figura 41	<i>Vista de São Paulo, por Agostinho Batista de Freitas, 1970.</i>	64
Figura 42	<i>Obra Casinha feita sobre enxada, por Quebradinha (Marcelino Melo)</i>	65
Figura 43	<i>Cartaz didático: O Arquiteto & a Capela, 2022.</i>	68
Gráfico 1		23

Sumário

1. Introdução: a cidade como inspiração	10
1.1. Objetivos	16
1.2. Método	16
1.3. Justificativa	17
2. Quadro referencial teórico	17
3. O acesso aos meios culturais na cidade	21
4. A urbanização da ZL e a escola	26
5. A mediação e a escola como meios de pertencimento	37
5.1. Roteiro pedagógico na ZL a partir do contexto histórico e cultural	41
6. Proposta pedagógica - estreitando laços com a cidade	54
6.1 Plano geral da atividade	59
7. Considerações Finais	67
8. Apêndice	68
9. Referências Bibliográficas	69

1. Introdução: a cidade como inspiração

Foi em um Museu em que tudo começou. Em 2014, em uma singela visita ao Museu da Imigração de São Paulo, na Mooca, estive presente em um passeio de Maria Fumaça, mediada por um rapaz. Ali, ele discorreu sobre a história das estradas de ferro da antiga *São Paulo Railway* (que veio se tornar atual Linha 10-Turquesa), sobre o ciclo do café na virada do século XIX para o XX na Mooca (que, na verdade, era Brás antes do bairro crescer), sobre a vinda dos imigrantes de tantos lugares que ajudaram no desenvolvimento da cidade, junto aos que já residiam aqui. À primeira vista, uma história simples, mas que, a partir dali, me abriu o interesse, tanto na formação histórica e multicultural da cidade, quanto na mediação, que pode mudar pontos de vista, mudar vidas. Com isso, uma pesquisa incessante pela formação dos bairros socialmente e patrimonialmente foi tomando conta do meu interesse.



Figura 1: Visita ao Museu da Imigração, 2014.
Fonte: acervo pessoal

Minha realidade, entretanto, não foi no Brás ou na Mooca. Foi a partir de outro fenômeno que ligou minhas origens: a industrialização do extremo leste, que se

intensificou por volta de 1930 a 1970 (São Miguel, Ermelino Matarazzo, Guarulhos, Itaquera etc.) Comecei a entender o ciclo que precisou ser feito para eu estar nesse lugar, os acontecimentos históricos que ocorreram, as consequências da realidade em que eu vivo, e que muitas outras realidades vivem. Indagar sobre o porquê do local em que percorro no meu dia a dia é dessa forma: as construções, as pessoas... Várias perguntas corriqueiras vinham, e logo se encaixam no quebra-cabeça do que é a Zona Leste – “Qual a origem dessas linhas de trem e metrô e por quê elas possuem essa disposição?”, “Afinal, quem eram os Guaianases?”, “Por que as casas aqui são assim?”, “O que significam todos esses nomes que vemos aqui em tupi, como Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Itaquera, Itaim, Guarulhos?”

Desde então, a cidade de São Paulo se deu como tema de minha pesquisa e produção em geral. A história da metrópole e sua formação multifacetada são aspectos marcantes de aspirações artísticas e de estudo, além de fomentar a vontade de transitar por todos os cantos da cidade, encontrando, assim, uma variedade cultural imensa. Era como se eu estivesse íntima do espaço ao conhecer alguns de seus processos históricos, observando a beleza na variedade visual nos detalhes cotidianos que se via.



Figura 2: Pintura a óleo - 4400 na variante, pela autora, 2019.
Fonte: autoria própria



Figura 3: Fotografias em filme preto e branco pela São Bento: viaduto Santa Efigênia, Vale do Anhangabaú e Casa da Boia na Florêncio de Abreu. Pela autora.
Fonte: autoria própria

A situação que incentivou mais ainda esses questionamentos foi durante minha experiência no estágio educativo do Museu Capela de São Miguel Arcanjo, entre os anos de 2018 e 2019, localizado no bairro de São Miguel Paulista. Provavelmente uma das poucas construções originais do século XVIII que restaram na capital paulista, e que, muitas vezes, nem os próprios moradores da região estão a par de sua importância. Foi nessa vivência do educativo que acabei conhecendo mais a respeito dos pontos culturais e coletivos da região, compreendendo melhor como se deu a distribuição dos meios culturais e o desenvolvimento da cidade. Consequentemente, foi possível repassar essas informações e histórias para os estudantes e moradores que visitavam o museu, fortalecendo o sentimento de pertencimento perante o bairro e a região.



Figura 4: Oficina de bordado e têxtil em 2018.
Fonte: Acervo do Museu Capela São Miguel

Temas relacionados à cidade podem servir de fonte de estudo e expressão multidisciplinar para alunos e curiosos na área, sobretudo nas demandas e possibilidades dentro da área de artes. Esse campo pode variar desde um assunto que englobe patrimônio material e imaterial histórico, que compõe a cidade, construções edificadas, manifestações culturais tradicionais, tais como danças e festejos, ou manifestações urbanas na cena contemporânea, como slams, batalhas de rap, bailes funk, grafite, audiovisual, entre outros tipos. Esses aspectos convergem na trajetória social e cultural da cidade de São Paulo e sua região metropolitana; sabe-se, ademais, que há imensa diversidade dessas características devido às mais variadas correntes migratórias que ascenderam à cidade, em comunicação com a cultura nativa que aqui existia.

Ao principiar essa realidade, é fundamental fortalecer os laços, ocupar e conhecer a cidade, para que resulte em um ato de resistência dos moradores de áreas distantes do circuito turístico central da cidade. Incentivar desde cedo os cidadãos da periferia a compreenderem suas trajetórias e seu lugar no espaço urbano é relevante para a valorização local perante toda a metrópole, além de gerar um traço afetivo quando este é fundido a suas memórias e origens. Também incentiva a curiosidade cotidiana e suscita a vontade de explorar gradativamente lugares inéditos e diversificados.



Figura 5: Cenas fotografadas e editadas digitalmente para a obra *FerroGif*, 2018.
Fonte: autoria própria

1.1. Objetivos

O objetivo primário é o levantamento de dados históricos e culturais para uma reflexão acerca do patrimônio artístico, da trajetória educacional e da democratização do acesso à cultura das regiões periféricas da grande São Paulo, com destaque para a Zona Leste, citando a valorização da pluralidade artística oriunda desses locais.

O objetivo secundário é a sondagem de instituições, coletivos, professores e artistas que desenvolvem mecanismos para o estímulo do sentimento de pertencimento na cidade; quais são as preocupações de museus que proporcionem lazer, conhecimento e estratégias para esse público e, com efeito, tornam-se mais acessíveis e com seu respectivo material difundido.

1.2. Método

O método para a síntese da pesquisa é o levantamento bibliográfico de livros, teses, artigos, reportagens, material educativo de instituições culturais e material histórico que permita melhor compreensão do assunto.

Uma investigação relacionando a experiência educativa da autora e de demais educadores e métodos pedagógicos. Diante dos tópicos percebidos no estudo, será alentada uma proposta pedagógica final, a fim de fortalecer o contato artístico dos estudantes, relacionando-os ao seu espaço, patrimônio, memória, suas próprias expressividades culturais e vivências pessoais.

1.3. Justificativa

A ascensão de uma demanda contemporânea a respeito da diversidade cultural decolonial da abrangência dos veículos culturais traz à tona a necessidade de uma discussão sobre a realidade da periferia na cidade de São Paulo. Um estudo, focado no que acontece longe do centro pertinente, abre um campo de possibilidades para indagações e práticas, tanto para sugestões de atividades interdisciplinares para professores e escolas, quanto para divulgação de trabalhos artísticos e educacionais sobre o assunto, sejam eles por pessoa ou instituições.

2. Quadro referencial teórico

De vasta importância histórica, e abrigo da maior densidade demográfica da cidade (hab/km^2)¹, é de se questionar a razão pela qual a Zona Leste de São Paulo possui uma experiência desigual no que diz respeito ao acesso de veículos culturais da metrópole. Nesse sentido, qual seria o motivo que geraria tal consequência? Seria a distância e suas dificuldades físicas, a ausência de sentimento de pertencimento ou a falta de interesse dos órgãos públicos e privados no incentivo e valorização à cultura da periferia? (Almeida, 2013 p. 157) Essas questões, que são recorrentes e relevantes para os moradores e estudiosos da região metropolitana, serão desenvolvidas no decorrer do trabalho.

¹ A unidade territorial do Itaim Paulista é de maior densidade demográfica com 17.195 hab/km^2 . Em segundo lugar, vem a unidade de Campo Limpo, periferia da zona Sul. Fonte disponível em: [Dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras | Secretaria Municipal de Subprefeituras | Prefeitura da Cidade de São Paulo](#) acesso em Abril de 2023.



Figura 6: Mapa da Zona Leste e seus principais distritos. Elaborado a partir de fontes da prefeitura de SP.

Fonte: elaborado pela autora

Posto isso, um dos primeiros locais que sofre deste impacto é a sala de aula – em especial, as aulas de artes. A arte/educação, na contemporaneidade, denota uma necessidade além da livre expressão, demandando também de uma contextualização e de uma intersecção da subjetividade do espectador com a obra, inserindo-o em experiência prática, estética, social ou teórica (Barbosa, 2008. p. 17); isso põe em evidência a importância da troca entre escola e museu, já que uma das origens desse contato cultural na ocupação desses espaços é por meio de excursões escolares, ou seja, as visitas além das paredes dos colégios são necessárias dentro do cotidiano letivo (Coutinho, 2021) para contribuir na formação de repertório tanto dos educadores quanto dos educandos. Em interlocução com esses fatores Freire (1991) discorre:

A investigação da temática, repetamos, envolve a investigação do próprio pensar do povo. Pensar que não se dá fora dos homens, nem num homem só, nem no vazio, mas nos homens e entre os homens, e sempre referido à realidade (Freire, 1991, p. 101.).

O professor tem um papel de destaque nas ações citadas. Aspirante a uma necessidade curricular interdisciplinar (SME SP, 2019), o educador precisa estar a par da conjuntura do entorno da escola, como sintetiza Ritcher²:

Consideramos que o universo cultural da comunidade em que a escola está inserida precisa ser estudado pelo professor, para que ela possa atuar nesse contexto de maneira eficiente e não invasiva. Especialmente o professor de artes precisa conhecer e buscar compreender os códigos visuais e estéticos presentes, de maneira a utilizá-los como seu referencial e ponto de partida, construindo a partir daí a abordagem metodológica e estrutura de conteúdos a serem trabalhados. Para a compreensão desses padrões é importante verificar como se compõe étnica e socialmente a comunidade escolar o quanto ela é heterogênea, quais são seus pontos de encontros e desencontros. (Barbosa. et al. 2008, p.91)

Na Zona Leste, e em demais regiões afastadas do centro expandido, há a presença de museus, Casas de Culturas e coletivos que dividem o espaço simultaneamente com as expressões artísticas urbanas. Esses pontos de interesse fazem os habitantes terem a oportunidade de contato e de expressão com as mais variadas linguagens; tornam-se, assim, mais passíveis de traçar uma assimilação com suas respectivas vivências e memórias da cidade, tanto que resulta em uma nova relação de cidadania e de patrimônio. Tal posto por Canclini (1997, p. 8) a respeito da experiência visual urbana, “grafites, cartazes comerciais, manifestações sociais e políticas, monumentos: linguagens que representam as principais forças que atuam na cidade.” Até mesmo dentro das estações de Metrô, ou trem, é possível estabelecer essa conexão, com as ações expositivas da Linha da Cultura. Mas esses tópicos não anulam a importância da possibilidade de experienciar o espaço da cidade como um todo. Deve-se levar em conta que a ocupação do espaço museal por pessoas vindas da periferia desempenha um caráter político, especialmente quando se trata de São Paulo e grandes metrópoles (Barbosa, 2008).

² Capítulo de BARBOSA, 2008



Figura 7: Aguardando em Brás, 2019.
Fonte: autoria própria

Lupar a zona leste é materializar, em dados concretos, as "multiculturas", que merecem ser evidenciadas. Desde o início da industrialização de São Paulo – na virada do século XIX até meados do século XX, com destaque às décadas de 30 a 50 -, houve uma evidente ocupação e um amplo investimento em bairros extremos; houve também um estímulo à migração de diversas regiões do Brasil e do mundo (Almeida; Macedo. 2017), junto à herança indígena dos Guaianazes (Melo, 2017). A vista disso, é de se destacar nesta região a presença da pluralidade em seu cotidiano, quesito que, por vezes, se ofusca pela rotina caótica dos moradores da cidade.

Atualmente, muitos museus estão atualizando seus métodos expositivos devido aos questionamentos contemporâneos decoloniais e as formas de acessibilidade, de maneira que dialogam com as novas tecnologias. É preciso verificar como está sendo explorada a alcançabilidade daqueles que se encontram mais distantes. Uma análise de ações educativas e curatoriais podem revelar se o discurso democrático transgide a teoria, não apenas em distância física, mas também em distância social.

3. O acesso aos meios culturais na cidade

O museu, muitas vezes, soa algo distante àqueles que residem há uma distância considerável do centro da cidade. Além da barreira geográfica – já que a maioria dos veículos culturais encontram-se nas regiões do centro expandido –, há uma questão social subliminar. Persiste, no imaginário popular, aquela referência de museu histórico, em um cenário excludente, inacessível devido ao seu caráter de origem ocidental-civilizatória (Coutinho, 2011). Isso é intensificado na cidade de São Paulo, pois, de acordo com Almeida (2013, p. 157), a relação entre os jovens da periferia é diferente dos de outras zonas da cidade. Suas vidas, segundo o autor, se dão em bairros, e é ali que preferem estar, ao invés de “enfrentar” São Paulo, como completa: “não passaram por alguma experiência laboral que necessitasse desse tipo de locomoção ou que têm hábitos de lazer para além do espaço do bairro.” O que é ressaltado por Canclini a respeito de moradores de grandes cidades:

A violência e a insegurança pública, a impossibilidade de abranger a cidade (quem conhece todos os bairros de uma capital?) levam a procurar na intimidade doméstica em encontros confiáveis, formas seletivas de sociabilidade. Os grupos populares saem pouco de seus espaços, periféricos ou centrais; os setores médios e altos multiplicam as grades nas janelas, fecham e privatizam ruas do bairro³. (Canclini, 1997, p. 2)

No mapa, disponibilizado pela SP Turismo e Prefeitura de São Paulo, notamos a distribuição desigual de espaços culturais, contando apenas com alguns tipos: Casas de Cultura, Sescs, Fábricas de Cultura entre outros.

³ Atualmente enfrenta-se uma onda persistente de privatização de espaços públicos, incluindo eventos culturais nesse aspecto.



Figura 8: Espaços culturais em São Paulo, 2015.

Fonte: São Paulo Turismo⁴

O mapa não revela entidades museológicas. Portanto, para melhor complementação dessa demanda, neste ano de 2023, executei um levantamento de alguns museus presentes próximo às estações de metrô das linhas estatais de São Paulo (1 azul, 2 verde e 3 vermelha). Diante o gráfico, é de fácil entendimento que as regiões centrais das três linhas são as mais contempladas com esse tipo de espaço. Entretanto, é importante levar em consideração que não foram evidenciados apenas museus de artes; outras temáticas, que possuem uma ação educativa, foram contempladas. Vale realçar que, durante minha experiência no museu de um bairro do extremo leste (não consta no gráfico, pois vai além de Itaquera), não eram todos que sabiam que ali continha um museu, muito menos uma mediação educativa. Ou seja, às vezes falta conhecimento dos próprios moradores sobre os veículos de lazer e educacionais de sua região, o que pode ser visto como uma falha de divulgação, de investimento e de patrocínio sobre esses locais ativos mais afastados do centro.

⁴ Disponível em [São Paulo tem mais de 100 espaços culturais - Comunicação](#) acesso em out. 2023.

Porcentagem de museus próximos às estações do Metrô de SP (rede básica estatal)

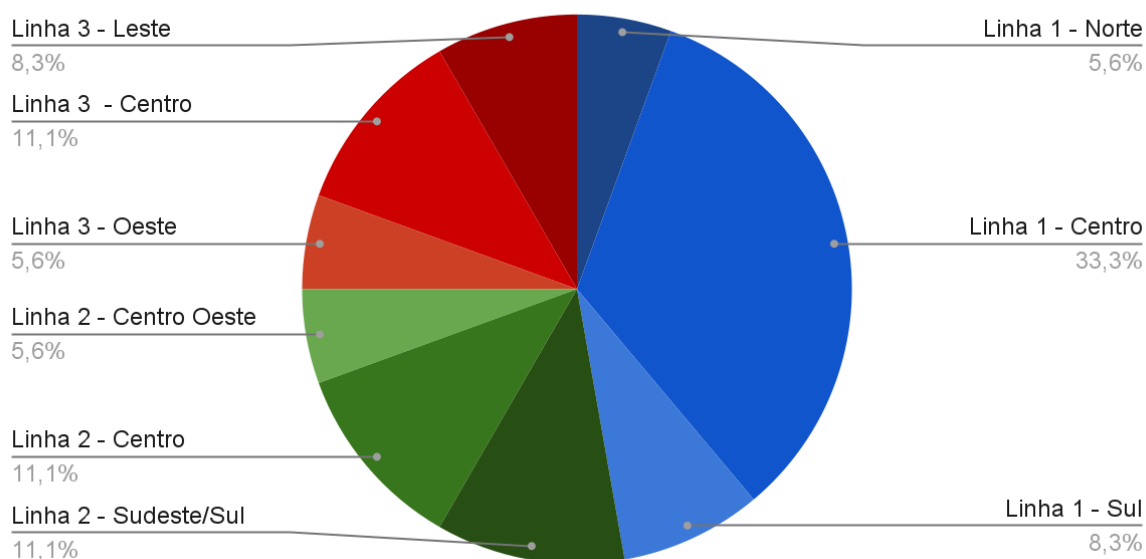


Gráfico 1

Fonte: elaborado pela autora

A acessibilidade e a mobilidade urbana são de suma relevância para os jovens e estudantes da periferia, pois é um dos meios que abrem a perspectiva para que ocupem a cidade e seus recintos que parecem distantes socialmente. Com a inauguração do lado leste da Linha 3 - Vermelha por volta da década de 80, as melhorias das Linhas 11 e 12 de trem da CPTM, e a implementação dos corredores de ônibus nos últimos anos, o tempo do trajeto reduziu consideravelmente. Além de fomentar o desenvolvimento urbano da região, contribuiu para a democratização do ingresso ao ensino superior e técnico e ao lazer, por volta dos anos 2000 e 2010. Com a abertura de diversas Etecs e Fatecs (como a de Itaquera, Cidade A.E. Carvalho, Carrão etc.), do Sesc Itaquera, de unidades Senac (Penha, São Miguel, Itaquera), do campus leste da USP (Each), do campus leste da Unifesp (EFLCH) no bairro dos Pimentas, em Guarulhos, entre outras universidades particulares.

Mas, para que tudo isso seja válido, entra aí a relevância da escola nesse processo. De acordo com Coutinho (2011), muitas gerações tiveram suas primeiras experiências em museus e visitas mediadas pela escola. É importante

que os estudantes periféricos não apenas conheçam e valorizem seus traços culturais de suas regionalidades, como também explorem a cidade como um todo e desenvolvam o sentimento de pertencer em todos os meios culturais centrais, quebrando, enfim, essas barreiras impostas socialmente. As aulas de artes são as mais propensas para essa oportunidade, pois além de colaborar na experiência pessoal do estudante, ele também terá contato com obras artísticas de diversos contextos, materiais, o que contribuirá para seu repertório. Isso é sintetizado por Rizzi (2008, p. 66) quando a autora explica a respeito das metodologias atuais do ensino da arte:

A visão contemporânea do ensino de arte, na qual o DBAE⁵ se insere, valoriza por sua vez a construção e a elaboração como procedimento artístico, enfatiza a cognição em relação à emoção e procura acrescentar à dimensão do fazer artístico a possibilidade de acesso e compreensão do patrimônio cultural da humanidade (Barbosa; Rizzi, et al. 2008, p. 66.).

Esse contato com os museus e as instituições é proposto no currículo da cidade de São Paulo⁶ das aulas de artes dentro dos Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento. Por exemplo, no Ciclo Autoral (Fundamental II), no campo conceitual de Processos de Criação, inclui, na vivência dos alunos do 7º e 9º ano, conhecer produções artísticas locais e regionais, além de interagir com obras originais em instituições de arte (Currículo da Cidade, 2018).

Essa atividade abre a possibilidade de experimentar a abordagem triangular e ativar uma relação pessoal dos alunos com as obras e, depois, correlacioná-la a seu contexto com suas experiências e coletivas. Desde o primeiro contato, a obra, as primeiras percepções passam por diversos estágios: as impressões estéticas e emocionais que a imagem causa, a partir da leitura de mundo individual e coletiva; a expressividade da obra; seu significado perante os demais estilos e os movimentos artísticos; e a livre interpretação. Assim, sucede-se a etapa do fazer

⁵ *Discipline Based Art Education*

⁶ De acordo com o Currículo da Cidade (2018), do Ensino Fundamental I e II, que é utilizado atualmente, dentro da disciplina de Artes há os chamados Campos Conceituais, em vez dos Eixos Estruturantes, presentes nos demais componentes curriculares. No argumento de que nesses Campos são mantidas as relações expressivas com as variadas linguagens artísticas vistas em determinados momentos no decorrer das séries escolares. Ou seja, não segue um rumo linear.

artístico e da contextualização diante do que foi estudado nos espaços, podendo ser na sala de aula. (Barbosa, Rizzi, et al. 2008, p. 67).

Ao retomar para a periferia da cidade, e de qualquer grupo que não esteja habituado a frequentar esses espaços, é perceptível que não basta apenas uma iniciativa das escolas de levarem, mas uma preparação dos museus para aproximar a comunicação educativa com os visitantes. Dentre os parâmetros atuais, alguns museus já estão aderindo um olhar decolonial, expandindo caminhos para discussões e maiores interpretações da atualidade, além de novos espectadores do espaço com uma linguagem mais acessível. Algumas instituições já mudaram a forma de enunciar determinados assuntos, transformaram os itinerários de discussão mais próximos. Um exemplo é o Museu Paulista, que, após o restauro e reforma, reabrindo no bicentenário da Independência, em 2022, renovou a distribuição curatorial, os assuntos e complementou essas ações educativas:

O alargamento de temas e questões alterou significativamente o perfil das coleções do Museu, que passou a ser orientado pela reunião de séries documentais, temáticas e tipológicas. Esses documentos seriados possibilitam a obtenção de informações que transcendem aquelas relativas às elites políticas e econômicas, permitindo alcançar a compreensão de dinâmica de segmentos sociais populares diversos. (Carvalho; Ono, 2023. p. 159).

Outros museus de arte da capital parecem ir para a mesma direção. A Pinacoteca do Estado, em suas principais salas expositivas, que antes seguiam uma ordem cronológica dos movimentos artísticos, agora convergem com obras de destoantes momentos históricos, possibilitando um debate e interrelação entre elas. A sala 9, “Cidade, signos e abstração”, e a 10, “São Paulo contemplação Suspensa”, por exemplo, buscam explicitar a relação multifacetada de experiências plurais que acontecem na cidade sob pontos de vistas próprios em obras que variam de linguagem, contexto e grupo artístico. Lá, é possível encontrar obras da *Pop art* dividindo a mesma parede com uma pintura realista do século XIX da cidade, e fotografias atuais de múltiplas paisagens; as diferenças

vêm a fim de provocar relações e análises distintas aos espectadores (Pinacoteca Acervo, 2020). Caso semelhante pode ser percebido no MASP, que em sua exposição permanente substituiu a ordem cronológica convencional das obras para uma nova disposição que permita uma leitura crítica e estética. Com essas novas disposições de conteúdos, a interação do público com o acervo é intensificada, pois se aproxima das respectivas realidades.

4. A urbanização da ZL e a escola

O gancho com o MASP, como cita Coutinho (2011), foi o primeiro museu no Brasil, durante a década de 40, que, seguindo os moldes dos museus norte-americanos do período, investiu na criação de um núcleo educativo. O intuito era de que os instruídos monitores de arte realizassem uma mediação a um público que ultrapassasse os membros da elite, democratizando os assuntos das visitas e as experiências estéticas museal para a classe trabalhadora. “A didática seria a da explicação, pois o “povo” para qual o museu se destinava não teria formação claramente mais adiante.” (Coutinho, 2011. p. 8)

Contudo, mesmo com esse ideal moderno de expansão de visitantes no museu entre os anos que se sucederam, o acesso a essa área era difícil para os habitantes da periferia; tal é que muitos ainda chamam as regiões centrais até hoje no termo “cidade” (Almeida, 2013), o que pode ser interpretado como uma distância subentendida, remetendo a zona leste, por exemplo, a um local do interior, dado que pode ser associado à origem desse entendimento devido às áreas da região que continham presença de atividades rurais nas glebas, sendo a mais conhecida a Gleba do Pêssego, em Itaquera. Lemos (1999) cita o termo “cinturão caipira”, utilizado para expressar quando se tratava dessa região entre os períodos do fim dos aldeamentos, no século XIX, e início do século XX. A autora ainda discorre sobre o tópico que podemos associar a fase posterior de industrialização de São Paulo, posto que o extremo leste não participou diretamente do primeiro surto econômico do café:

Enquanto a Capital mourejava sem grandes perspectivas. Era de se esperar que, também, ali se fizessem sentir, de modo mais crucial ainda, os efeitos dessa "Parada no tempo" que se verificou no centro urbano. E, dada a distância do centro, e só muito depois de São Paulo ter-se tornado o empório comercial do café é iniciado o seu desenvolvimento industrial que haverá consequências diretas sobre a sua área adjacente (Lemos. 1999. p. 38).



Figura 9: Festa do Pêssego em Itaquera na década de 60.
Fonte: acervo Saudosa Itaquera

Adendo a isso, o transporte e a mobilidade urbana sempre foi um óbice para o domínio do restante da cidade. Um exemplo, citado por Melo (2017), é na região do Itaim Paulista – na época, uma vila loteada em ascensão – que circulou, até 1962, o trem a vapor. Quer dizer, a antiga linha, variante de Poá da Central do Brasil, que se tornaria a R.F.F.S.A. (atual linha 12 Safira da CPTM), só foi totalmente eletrificada nesse ano desde sua inauguração na década de 30. E

ainda, a região suburbana carecia de opções de linhas de ônibus; as que tinham eram precárias para aqueles que, em muitas ocasiões, precisavam chegar até o Brás ou o centro. Assim, as atividades de lazer cultural de alcance comum até metade do século XX no subúrbio, muitas vezes, era o cinema de rua – presente geralmente mais de uma unidade a depender do bairro –, ou as atividades nos clubes, festas e bailes locais.



Figura 10: Minha avó Dirce e sua irmã, no clube da fábrica Cia. Nitro Química, por volta de 1956, em frente ao Rio Tietê.
Fonte: acervo pessoal



Figura 11: Cine Guaianazes nos anos 60. Inaugurado na década de 50.
Fonte: São Paulo Antiga

Recorda-se que a trajetória e desenvolvimento da região leste da cidade tem total relação não apenas com a trama acerca da mobilidade, mas também com a educacional. Este fator é devido a industrialização e a urbanização:

Nos primeiros anos do século XX, aumenta-se consideravelmente a população da cidade e dilatam-se as linhas urbanas propriamente ditas. Para o lado da Várzea do Carmo, cresce o índice de densidade demográfica, mas a área abrangida pela expansão não vai além do Brás e da Mooca (Bomtempo, 1970. p. 153).

De acordo com Dantas (2021), é com a vinda das fábricas na Zona Leste que se inicia a implementação de escolas públicas e privadas. A autora divide essa temática em duas etapas. A primeira foi a imigração: quando imigrantes italianos, e de outras localidades externas em geral, foram incentivados a ocupar cargos na fase industrial, que vinha desde o final do século XIX, habitando entre Brás e Penha (provavelmente uma estratégia de embranquecimento para substituir a mão de obra escravizada). Nessa fase, que vai até cerca de 1935, ela cita escolas mais antigas da região. Por exemplo, a E.E. Amadeu do Amaral no Belenzinho de

1909, E.E. Santos Dumont (1913) e E.E. Barão de Ramalho (1933), ambas pertencentes ao bairro da Penha e ativas até os dias de hoje. Vale pontuar que muitos desses imigrantes passaram pela Hospedaria dos Imigrantes, o atual Museu da Imigração, o qual ainda realiza, em seu complexo, serviços a imigrantes que chegam ao Brasil atualmente.



Figura 12: Edifício da antiga sede da fábrica Antarctica na Mooca, da década de 20. Vista da estação Juventus Mooca. 2023.
Fonte: autoria própria

É possível observar como as fábricas também estavam relacionadas com a consumação da educação na comunidade. Para que seus trabalhadores estivessem recorrentemente dentro do círculo da fábrica, esta os disponibiliza moradia decente nas vilas operárias, educação e lazer, como os ditos clubes e escolas. Foi o caso da fábrica Cia Nacional de Tecidos da Juta da família Street, que fundou a Vila Maria Zélia, no Belém, em 1917. Lá, havia inclusas em seu complexo, escolas segregadas para meninas e meninos filhos de operários.



Figura 13: Entrando na Vila Maria Zélia, 2017.
Fonte: autoria própria

Sobre o ensino de arte nas instituições do ciclo temporal citado, Barbosa (2019) explica que, no final do século XIX, havia um preconceito com as aulas de arte devido à herança da Academia de Belas Artes, originada na fase imperial. Em razão disso, as tendências ideológicas foram se modificando com a república, embora o foco das aulas de artes continuasse sendo o desenho como anteriormente. Provenientes do positivismo e do liberalismo, esses novos ideais procuravam as aulas de artes a fim de instigar a ilustração com vistas ao trabalho, à indústria e ao desenho geométrico complementando a aritmética. A arte nas escolas era vista como parte da preparação científica e profissionalizante dos cidadãos que seriam o futuro do país nessa nova fase. Em outros termos, a

intuição e a expressão não eram o parâmetro principal do momento (Barbosa, 2019).



Figura 14: Ruínas da Escola das Meninas na Vila Maria Zélia em 2017.
Fonte: acervo pessoal

A segunda fase, que é defendida por Dantas (2021), a respeito da urbanização da Leste, trata-se da fase da migração: industrialização da localidade mais extrema – já que, aparentemente, a parte mais próxima do centro já estava consideravelmente ocupada. Seriam essas as localidades a partir da Penha até relativamente o Itaim Paulista, Lajeado (alguns bairros, como Jardim Romano e Cidade-Tiradentes, formaram-se posteriormente⁷) entre os anos 30 e a década de 70. Nesse segundo momento, por volta dos anos 30 e 40, a autora relata, contextualizando a era Vargas, que a busca da nacionalização da indústria e serviços é incentivada pelo processo de migração. Daí, aqui destacam-se os migrantes de vários estados do Nordeste e do interior de São Paulo⁸ que chegam a esses bairros mais longínquos para trabalharem nas fábricas inauguradas no período: a Cia. Nitro Química Brasileira; a fábrica de papel Celosul das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, no bairro que leva o nome do comendador da

⁷ Pode-se considerar que as fases de ocupação territorial da zona leste não acabaram na década de 70. É um processo que perdura até hoje em atuais rotas.

⁸ Mesmo aqui destacando-se a migração, a imigração também ocorre nesse momento. Em São Miguel Paulista, por exemplo, há forte presença libanesa. E em Itaquera destacava-se a comunidade sino-brasileira.

família, Ermelino Matarazzo; Fábrica Cisper, entre Ermelino e Cangaíba; Fábrica de canetas Piloto, entre diversas outras.



Figura 15: Habitações operárias na Vila Nitro Operária em São Miguel pta.
Fonte: acervo particular Felipe Godoy

Essas vilas industriais foram um incentivo para a inauguração de escolas, além da incrementação de grupos sindicais e movimentos sociais. De acordo com Dantas (2021), foram mais de 177 colégios públicos entre 1936 e 1965, sem contar os particulares. Também é nesse contexto que começam as atividades do SENAI. Ao conversar com moradores que frequentam grupos escolares mais antigos dessa parte da cidade, revela-se que havia atividades nas aulas de artes que ainda se baseavam na herança das décadas anteriores durante a ditadura militar – que se convinha de uma educação moral e nacionalista, nada intuitiva –, entre os anos 60 e 70. É comum ver essas pessoas dizendo que tiveram educação moral e cívica e, nas aulas de artes, educação artesanal, variando para meninos e meninas; também tinham aulas de música. Pode-se reparar a semelhança com as décadas do início do século XX a partir da explicação de Barbosa (2019):

Os alunos do curso primário (7 a 13 anos) deveriam estudar as Ciências físicas e naturais, a Língua Portuguesa na prática, Lições de Coisas, Desenho e Aritmética seguido do estudo da Geometria Prática, além de Moral e Cívica, e trabalhos manuais (para os meninos) e trabalhos de agulhas (para as meninas) (Barbosa, 2019. p. 66).



Figura 16: Turma do ginásio na década de 70. E.E. Dom Pedro I. Em S. Miguel pta.
Fonte: acervo pessoal

Para complementar, algumas escolas desse período contavam com o curso de magistério. Foi em um dos colégios desta etapa da migração que realizei meu estágio formal, em 2022. Na Escola Municipal Arquiteta Luís Saia, antiga escola Agrupadas São Miguel. Essas instituições de ensino mais antigas, inauguradas por volta da década de 50 e 60, possuem um papel fundamental na memória dos habitantes da região. Como pode ser complementado por Rodrigues (2020, p. 6): “Neste sentido, as lembranças e narrativas construídas pelos sujeitos constituem-se em combinações de influências pautadas em critérios como identidade, meio social e história, entre outros.”.

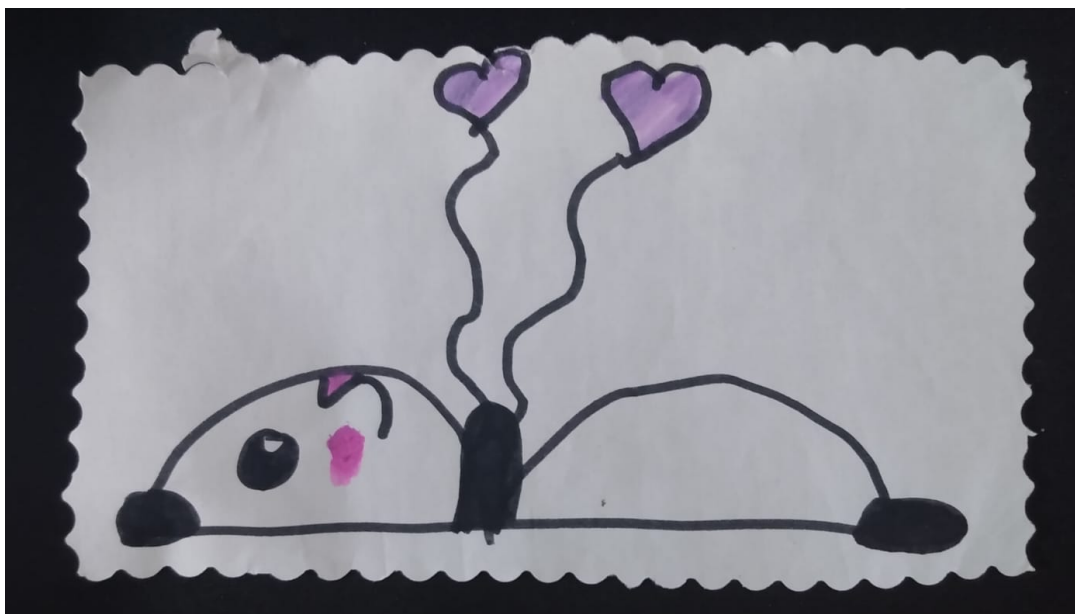


Figura 17: Desenho presente de uma aluna do 3º ano do fundamental.
Fonte: da autora



Figura 18: Rampa para as salas E.M.E.F Arquiteto Luís Saia.
Fonte: acervo pessoal

Desde a redemocratização, e início dos anos 2000, houve mudanças no currículo de artes, desvincilhando-se do ensino conservador. Em minha experiência na sala de aula pública contemporânea, seguindo o currículo atual, utilizado desde 2017, de propostas pedagógicas, pude perceber uma integração de atividades entre variadas classes.

Acompanhei as turmas do Fundamental I e II, com um paralelo entre a teoria proposta no plano de aula, como história da arte, e exercícios sugeridos para os alunos, buscando sempre viés expressivo. Era notável a busca por uma variedade de materiais dentro dos conteúdos pelas professoras, mesmo acompanhando o currículo. Trabalhavam com recorte, desenho, música, até mesmo uma sugestão de gravura utilizando materiais recicláveis de matriz. Entretanto, notei grande dificuldade perante a quantidade de alunos em sala e o tempo de duração das aulas: apenas 40 minutos. Os alunos haviam recentemente feito uma visita mediada no museu que estagiei anteriormente. Abaixo há algumas anotações dos relatórios do acompanhamento das aulas:

Dia 4 de Abril 2022,

9º ano, tarde

Conteúdo: Texto sobre música e instrumentos musicais com material reciclado nas aulas anteriores com projeto de exposição na escola. Qual a experiência e contato que os alunos tiveram com os instrumentos e música até então? Quais instrumentos e famílias eles conhecem? Já viram uma orquestra pessoalmente? Apresentação de repertório on-line pelo site dicionário musical: Pedro e o Lobo orquestrado.

8º C, tarde

Escutar o timbre dos instrumentos pelo dicionário musical, memorizar as suas particularidades. Relacionar o som com a memória e acervo pessoal de cada aluno. Pesquisa: o que é uma melodia?

Dia 3 de Maio 2022,

4º C, manhã

Explicação sobre xilogravura; trabalho com as matrizes em isopor estimulando reciclagem; apresentação de obras dos artistas

J. Borges e Gilvan Samico.

5. A mediação e a escola como meios de pertencimento

Quem percorre a cidade de São Paulo, em seu cotidiano, ou em datas especiais, principalmente no sentido centro-bairro, percebe visualmente a gradual mudança da paisagem. Os arranha-céus começam a diminuir, as pequenas casas antigas, de padrão operário e suburbano, se mesclam com moradias simples e improvisadas, favelas, prédios de poucos andares, Cohabs e, ocasionalmente, um ou outro casarão antigo; muitas pessoas presenciam esses cenários todos os dias. Contudo, parece que, no contexto da cidade de São Paulo, a importância da memória de regiões periféricas é subestimada.

Atualmente, nas regiões centrais da cidade, há um interesse de ocupação e revitalização do espaço e da memória com visitas guiadas em áreas externas. Por exemplo, o projeto de turismo Caminhos do Triângulo SP, além de demais pesquisadores que promovem visitas pedagógicas, que, por vezes, é feito em parceria com instituições culturais. E, na periferia, esse tipo de atuação já acontece: o grupo Ururay é um coletivo que zela pela memória e o patrimônio da Zona Leste. Em seu livro Territórios de Ururay, os autores dissertam acerca de um levantamento histórico e patrimonial residido nos bairros da região, sem contar o registro teórico; o grupo também realiza essas caminhadas pedagógicas pelo bairro da Penha de França. A dupla de professores do Passeando Pelas Ruas executa esse tipo de atividade em regiões mais distantes das centrais, percorrendo toda a cidade explicando sobre acontecimentos históricos com um olhar decolonial e acentuando a importância da difusão da discussão sobre os temas. Em meu estágio na Capela, presenciamos e contribuímos em um projeto

do Senac São Miguel: a turma de turismo em 2019 criou um guia turístico com pontos culturais e gastronômicos do bairro.



Figura 19: Palestra do Prof. Dr. Casé Angatu Xukuru Tupinambá e visita, 2019.
Fonte: acervo Museu Capela São Miguel



Figura 20: Ação educativa no Museu Capela de São Miguel, com o jogo de tabuleiro Passeando pelas Ruas.
Fonte: acervo pessoal

A Jornada do Patrimônio, iniciativa da prefeitura de São Paulo, ocorre anualmente e teve início em 2015. Na edição deste ano de 2023, foi possível notar que, na Zona Leste, uma quantidade considerável de atividades girou em torno da questão dos trajetos nos bairros. Incluindo *tour* pela favela de São Mateus e o movimento Reggae, caminhada cultural pelo Tatuapé em suas bibliotecas e parques, *tour* pela Cohab José Bonifácio, pela Vila Mara, Vila Maria Zélia no Belenzinho, Vila Prudente, Cambuci, e também pela memória operária nas ruas da Mooca, além de outras percepções culturais e artísticas⁹.

Dentre a descrição de todas essas atividades, notou-se que há o desejo em comum de explorar melhor os itinerários expressivos dos mais variados lugares dialogando com os tópicos memoriais e de meio ambiente dos bairros. O coletivo

⁹ Fonte: [Jornada do Patrimônio 2023 - Roteiros, Conversas e Cursos | Secretaria Municipal de Cultura | Prefeitura da Cidade de São Paulo](#)

de teatro Estopô Balaio foi um dos participantes dessa jornada. Oriundos do Jardim Romano, compartilham uma experiência com aqueles que desejam compreender melhor socialmente a região. Em 2019, fui espectadora do espetáculo “Cidade dos Rios Invisíveis”, o qual proporcionou a experiência não apenas de conhecer mais sobre os trabalhos de artistas do bairro, mas também abriu uma perspectiva da relação dos moradores próximos da estação com o Rio Tietê, que muitas vezes sofrem com os alagamento. Este é um exemplo de como a arte pode ser meio de reivindicação perante questões e problemáticas cotidianas. Sendo um espaço aberto de pronunciamento, o que é possível enfatizar na sala de aula.

Esse tipo de ocupação pedagógica *in loco* pelas ruas, ao resultar em um entretenimento geográfico e histórico, pode ser um passo inicial para o interesse dos estudantes pela cidade. Ascende-se, daí, a possibilidade de uma atividade interdisciplinar – ideia explicitada por Ana Amália Barbosa:

Quando aprendemos algo, apreendemos melhor, ou fixamos melhor na memória, se o relacionarmos a um evento, pessoa ou até a outro conhecimento. Raramente as pessoas irão aprender sem fazer relações com conhecimentos já de antemão adquiridos (Barbosa, et al. 2008. p. 105).

Com esse diálogo aberto, compreendendo o lugar onde se vive ou se percorre todos os dias, muitas vezes parte de suas características intrínsecas, difíceis de serem percebidas na rotina, ocasionando num conhecimento e compreensão dos rumos. Essa sensação pode ser explorada na etapa de expressão em uma aula de arte ao contemplar o repertório compartilhado em sala com as teorias e experiências prático-visuais. No próprio currículo do Município de São Paulo há um incentivo para esse tipo de interação: dentro do Ciclo Autoral (a partir do 7º ano), no Fundamental II, nos eixos estruturantes da disciplina de artes, há dentro do campo das artes visuais, os objetivos de aprendizagem que condensam as propostas levantadas; por exemplo: “perceber relações entre arte, memória e identidade”, e mais outros pontos que incluem a expansão de repertórios (SME SP, 2019).

5.1. Roteiro pedagógico na ZL a partir do contexto histórico e cultural

Posto as referências coletadas na seção anterior, é possível destacar alguns pontos que podem ser trabalhados e explorados nas aulas de artes. Fazer uma aula externa sobre história da arte brasileira e estrangeira, assimilando questões contemporâneas e sociais, e incentivar os estudantes a correlacionarem suas experiências próprias com os parâmetros contextualizados são um dos pilares da abordagem triangular. Entender melhor sobre a presença do patrimônio material na região pode ser um caminho para os estudantes se aproximarem mais da sua própria história e caminhos, compreendendo como se deram as formações dos territórios.

É interessante realçar o panorama histórico da Zona Leste e, ao utilizá-lo como base, advir mediação sobre essas localizações. Moura (2013) revela a situação de São Paulo no século XVIII, que, em 1722, já estava no patamar de Capitânia, oriunda das capitanias hereditárias de São Vicente e Santo Amaro. Ademais, um dos primeiros registros que inauguram o diálogo dos territórios leste é com o cerco de Piratininga¹⁰, sobre o qual foi um marco histórico que ocorreu c. 1550. Esse evento culminou na desarmonia de um grupo de Guaianás e os demais já estabelecidos no entorno do Colégio¹¹, pois foram transferidos de Santo André da Borda do Campo pelos jesuítas. Morcelli em Almeida (2016) explica como se deu o desfecho:

Parte dos dissidentes encontraram abrigo na antiga região conhecida como Ururay, às margens do rio Tietê, na desembocadura do ribeirão Baquirivu. Não demorou para que estes retomassem os antigos hábitos e investissem em conflitos armados contra a vila. Para apartá-los dos antigos costumes, os jesuítas realizaram esforços na região, com o erguimento de uma capela e com a formação do aldeamento de São Miguel do Ururay,

¹⁰ Para saber mais a respeito do cerco e batalha de Piratininga, ler No fluxo do Anhembi-tietê: o rio e a colonização da capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII.

¹¹ Atual localização do Pátio do Colégio.

em sesmaria que foi doada para os índios em 1580. Era uma sesmaria de seis léguas, que abrangia toda a margem esquerda do Tietê, com a presença de seus numerosos afluentes, como os rios Itaquera, Jacuí e Aricanduva (Almeida, Morcelli et al. 2016, p. 34).

Ou seja, o acontecimento resultou na vinda dos padres jesuítas nos arredores da região central de Piratininga, com a finalidade de aldeamento e exploração natural¹² em dois locais na cidade além da Sé: Nossa Senhora de Pinheiros e São Miguel de Ururay; este, ao lado leste da então vila de São Paulo de Piratininga. O local, na época, era o território de *Ururay* – basicamente uma delimitação que os indígenas Guaianases naturais de Itaquaquecetuba denominavam de margens do rio Anhembi, atual Tietê, e seu córrego Baquirivu, atual São Miguel Paulista e cidade de Guarulhos (Bomtempi, 1970).

O seguimento dado foi a construção de uma capela, por volta de 1560. Esta igreja, comumente conhecida pelos habitantes do bairro como Capela dos índios, foi reformada na época, tendo sua construção completa datada em 1622. É bem tombado pelo Condephaat e pelo Iphan desde 1939. O próprio Mário de Andrade, em sua viagem como “turista aprendiz”, ao lado de Lúcio Costa e Luís Saia, foi responsável pelo registro e pelo primeiro restauro da edificação entre 1939 e 1941. É interessante apontar a presença dessas personalidades tão importantes no destaque de interessados na difusão e salvaguarda da cultura brasileira – Mário de Andrade teve um papel fundamental no pensamento de propostas modernistas nas aulas de artes.

A igreja é não apenas lembrada pela sua relevância histórica, mas também pela fonte de imensa estirpe no campo artístico. Sua construção foi a partir da taipa de pilão; sua fachada pode ser considerada da dita arquitetura barroca paulista, onde há presente um alpendre, uma característica que, pouco depois, se torna frequente nas casas bandeiristas, de acordo com o arquiteto Luís Saia (Mayumi, 2017).

¹² Nos séculos XVI e XVII, há indícios de mineração de ouro em Guarulhos com mão de obra indígena escravizada.



Figura 21: Capela de São Miguel.
Fonte: acervo Capela de São Miguel pta.

As pinturas murais, ou parietais, encontradas no interior da Capela, são umas das únicas que restaram no suporte de taipa de pilão deste período. Esse elemento ficou escondido desde 1714 atrás de um altar de madeira – o que provavelmente fez os pigmentos sobreviverem ao passar dos séculos – foram redescobertas no último restauro em 2007.

Provavelmente, toda a ornamentação da igreja foi feita pelos indígenas. Os elementos de sol e lua no nicho, revelados na figura 22, como explica a autora Montanari (2021. p. 252), além de serem traços que carregam signos na cultura indígena, também eram amplamente explorados visualmente pelos jesuítas em demais regiões da América espanhola, como os signos de Jesus Cristo e Maria; uma marca do sincretismo religioso. Na parte interior da igreja, há também carrancas, cariátides e outros detalhes considerados representações de uma mistura de crenças indígenas tanto nacionais quanto da América hispânica.



Figura 22: Detalhes das pinturas murais dos altares da Capela.
Fonte: acervo Capela de São Miguel pta.

Dessa maneira, pode-se enaltecer o diálogo contemporâneo a respeito dos povos originários, pois, como foi abordado, algumas dessas construções tiveram sua mão de obra, além das imaginárias sincréticas no visual que podem ser evidenciadas; preserva-se, assim, o legado desses habitantes iniciais da Zona Leste. Em 1803 a 1805, boa parte da população indígena já havia sido dizimada (aldeamentos atacados). O registro de população de aldeias indígenas nesse período era: em São Miguel, 191 homens e 290 mulheres; em Itaquaquecetuba,

50 casais, algumas mães solteiras, estando fora 13 pessoas; em Escada (Guararema), 95 homens e 105 mulheres (Moura, 2013).



Figura 23: Carranca em batente da capela lateral e cariátide no interior da Capela. Carregam signos indígenas, de acordo com o Prof. Dr. Casé Angatu, restauradores e demais pesquisadores na área.

Fonte: acervo Capela de São Miguel pta.

Na Capela também há imagens sacras (esculturas) em sua coleção, algumas pertencentes ao movimento maneirista, em ângulos góticos e em barro – possivelmente brasileiras. Também há presença de peças barrocas, tal uma imagem de São Miguel do século XVI, presumivelmente trazida da europa, pois já estava presente desde a sua fundação.



Figura 24: Imagens sacras presentes no Museu.
Fonte: acervo Capela de São Miguel pta.

Compreende-se a Capela como um primeiro elemento estético – no sentido histórico – dentro de um amplo circuito na Zona Leste. Refletir a importância e particularidades da região e enxergar a sua essência pode ser um dos caminhos para atividades multidisciplinares na sala de aula ou nas próprias vivências artísticas de moradores¹³ e/ou estudantes. Seriam esses os resquícios arquitetônicos, aspectos sublimes do cotidiano que ainda resistem a memória apagada de uma região de suma importância, as quais podem dialogar com a bagagem artística daqueles que transitam por esses pontos. Goulart (2016) comenta sobre:

O que é patrimônio material? Para nós ele é algo vivo e dinâmico, é o resultado das ações humanas no território, é o resultado da cultura, nossos hábitos, nossa língua e nossas crenças. É a relação do patrimônio material com as pessoas que nos interessa aqui. (Almeida, Goulart, et al. 2016 p. 49)

Outro exemplo desse tipo de bem na região leste é a casa Sítio do Tatuapé, do século XVII em arquitetura bandeirista. A casa faz parte dos imóveis pertencentes à iniciativa Museu da Cidade de São Paulo, junto ao Solar da Marquesa de Santos (próxima a estação da Sé), Capela do Morumbi e outros presentes na cidade. Recebe exposições, além de contar em seu circuito com um panorama de sua história e de como eram as moradias no período colonial. Um destaque de seu espaço museal são as paredes exteriorizadas em taipa de pilão.

¹³ Até os anos 70, a Capela era a única igrejinha na parte mais central do bairro. É comum que a maioria dos moradores mais antigos tenham se casado, sido batizados, e estabelecido relações gerais de afeto com esse patrimônio.



Figura 25: Alpendre do Sítio do Tatuapé.
Fonte: Veja SP¹⁴

A igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, na Penha, de 1802, pode ser considerada local de resistência e de resgate a um diálogo profundo sobre os povos afro-brasileiros que estiveram presentes no bairro desde sua fundação. Ao descompactar esse assunto, percebe-se que o patrimônio material, presente na Zona Leste, possibilita a abertura de vivências e expressões artísticas quando seu espaço é estudado e utilizado, uma vez que, atualmente, no Largo do Rosário, até há festas e apresentações que contam essas histórias (Almeida, Goulart, et al. 2016). A região central da Penha conta com vários eventos e manifestações culturais, além de possuir um grandioso Centro Cultural. No entorno desses espaços, há um grande centro comercial, sendo referência regional.

¹⁴ Disponível em <https://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/casa-do-tatuape>. Acesso em nov. 2023.



Figura 26: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, na Penha.
Fonte: ipatrimônio¹⁵

Outro local que poderia ser incluído nesse roteiro é a fazenda da Biacica, localidade onde se deu origem ao atual bairro do Itaim Paulista. Foi uma terra recebida de sesmarias, entre 1610 e 1611, importante para o caminho que ligava a Mogi das Cruzes (Melo, 2017. p.25).

¹⁵ Disponível em:

<https://www.ipatrimonio.org/sao-paulo-igreja-de-nossa-senhora-do-rosario-dos-homens-pretos/#!/map=38329&loc=-23.507074112802847,-46.543450355529785.13> acesso em nov. 2023



Figura 27: Detalhes da fazenda biacica, no Itaim Paulista.

Fonte: prefeitura de São Paulo

A partir da análise patrimonial dos itens coloniais, faz-se uma experimentação interdisciplinar ao levantar questões de história da arte, de características visuais e de construção encontradas nos edifícios, ao passo que se coleta dados no estudo dos materiais com a conjuntura da cidade por ser cercada de rios, em especial na zona leste, havendo a presença do rio Tietê e diversos córregos. Isto é, o barro, matéria prima para arquitetura, arte – a escola barroca paulista, que tem como sua característica as oficinas beneditinas que utilizavam barro como principal material, isso em todo o Vale do Paraíba¹⁶ (Tirapeli, 2007) –, assim como a presença constante de olarias, difundidas durante o século XIX até o XX por toda a região, sendo uma das mais relevantes fontes econômicas (Bomtempo, 1970).

Ao compreender o passado, dentro do roteiro cultural e pedagógico, é essencial trazer também repertórios mais próximos do público que o acolhe, para que assim seja possível maior número de interpretações recíprocas. Até mesmo para os estudantes entenderem as suas próprias trajetórias e desenvolverem o senso de pertencimento ao espaço. Freire (1991) fala a respeito da consciência do ser com a sua situação a partir do contexto temporal e espacial. Ao apontar a vivência dos moradores periféricos, compreende-se o espaço urbano. Incorporam-se mais à cidade e abre-se a possibilidade de desejarem conhecê-la e investigá-la cada vez mais, de maneira afetuosa.

¹⁶ É importante ressaltar que a região Leste, especialmente onde hoje se encontra a Avenida Marechal Tito, nascida em São Miguel, e indo até a Mogi das Cruzes, era a antiga estrada Rio-São Paulo, a qual possibilita a entrada na cidade de São Paulo para quem vinha do Vale do Paraíba até os anos 60, antes da Rodovia Dutra.

Sendo os homens seres em "situação", se encontram enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam e a que eles igualmente marcam ponto final, sua tendência é refletir sobre sua própria *situacionalidade*, na medida em que, desafiados por ela, agem sobre ela. Esta reflexão implica, por isto mesmo, algo mais que estar em *situacionalidade*, que é a sua posição fundamental. Os homens são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de *estar*, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão. (Freire, 1991. p. 101).

No quesito de se expressar sobre a situação cotidiana e seus desafios, a ZL executa isso muito bem. A figura a seguir mostra uma cena do Slam Guilhermina que, junto a outros exemplos deste tipo de dinâmica, com poesia e música, torna-se um espaço de trocas de experiências artísticas e sociais, sendo um local que incentiva a expressão de jovens periféricos. Há também o *Slam* Tiquatira, originado na Penha, e a Poesia na Praça em São Miguel – evento que ocorre na praça Pe. Aleixo Monteiro Mafra, conhecida como praça do Forró, devido os bailes e apresentações que aconteciam por lá dentro desse gênero musical, que são exemplos de patrimônio imaterial do bairro – , contando com exposições de artes visuais. Sem esquecer as batalhas de rima as quais acontecem sempre em pontos estratégicos próximas às estações das Linhas 11 Coral e 12 Safira da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM).



Figura 28: Slam Guilhermina, em frente à estação Guilhermina - Esperança.
Fonte: R7

As iniciativas Cine Campinho e o Movimento Cultural Mateus Santos (Ermelino Matarazzo) também são localidades que abrem o campo de oportunidades, divulgação e articulação para os artistas periféricos e coletivos, estimulando uma democratização de acesso à arte em espaços múltiplos.



Figura 29: Detalhe da fachada do espaço Movimento Cultural Mateus Santos .
Fonte: Vozes do Bairro¹⁷



Figura 30: Cine Campinho no Lajeado.
Fonte: Terra¹⁸

¹⁷ Disponível em [Moradores de Ermelino Matarazzo podem perder local de cultura](#). Acesso em nov. 2023

¹⁸ Disponível em: [Na laje e no campo, cineclubes levam o cinema às quebradas](#) Acesso em nov. 2023

Percorrer esse território, que é um dos mais antigos da cidade, é encontrar variedade de linguagens urbanas e materiais que compõem a paisagem; um paralelo entre as edificações patrimoniais e as manifestações artísticas contemporâneas como presença, memória e personalidade da região consegue ser realizada. Tainá Custódio, em minha banca de TCC, resalta a respeito do assunto ao dizer que os muros de grafite da Radial Leste são pontos de identidade artística da periferia. Quando eles terminam no trajeto significa que se chegou no centro, é quando muda a linguagem para outra realidade. Tourinho¹⁹ (2008, p. 36) discorre que, na atualidade, é necessário uma diversificação de referências como inspiração para apreender e mediar sob uma conjuntura social que aí está. Suas determinadas competências, recursos, possibilidades melhora a compreensão da “pessoalidade” em relação ao coletivo e as coisas que o cercam. Faz-se, então, um análogo com a zona tão multicultural como a leste, sendo relevante perceber que tantos traços variados é o que torna sua composição tão especial: são características originais importantes a serem desenvolvidas em oficinas e em salas de aula.



Figura 31: Muro de grafites²⁰ da Radial Leste, na altura da estação Vila Matilde, por Portal de Jornalismo ESPM - SP. 2014

Fonte: Flickr²¹

¹⁹ Em Barbosa et al. (2008)

²⁰ O muro de grafites coletivo da Radial Leste é a maior extensão em grafite a céu aberto da América Latina até 2014. (Fonte: Prefeitura de SP)

²¹ Disponível em <https://www.flickr.com/photos/portaldejornalismoespm/49679632673> acesso em outubro de 2023.

6. Proposta pedagógica - estreitando laços com a cidade

A sugestão de atividade pedagógica gira em torno do que foi explorado neste trabalho, conferindo com minhas experiências. Quando participei do núcleo educativo da Capela de São Miguel, contribuí com algumas oficinas, que tiveram geralmente como inspiração elementos visuais presentes no museu, do bairro, seu território e suas origens – perfis que os participantes se identificaram. Lá, tive a oportunidade de testemunhar as trocas de bagagens de vida a partir de variedade de suportes e materiais, como em oficinas de aquarela, argila/cerâmica de bordado e até mesmo de leitura.



Figura 32: Alguns resultados da oficina de bordado em fotografias, 2019.

Fonte: acervo Capela de São Miguel pta.



Figura 33: Alguns resultados da oficina de introdução à argila e cerâmica, 2019.

Fonte: acervo Capela de São Miguel pta.

Nesse período, presenciei uma intervenção artística nesse espaço: a ação “Aguilhas de Ururay”, a qual buscou destacar um dos pontos mais marcantes do local popularmente. De acordo com a imaginária repassada oralmente pelo bairro, há, embaixo dos dois coqueiros da fachada, um casal de indígenas enterrados – inclusive, há versões que defendem que um dos corpos seja do antigo líder da aldeia de São Miguel de Ururay, o Piequeroby. Dessa maneira, um artesanato de crochê e tricô feito no local levou a uma nova visualidade, chamando a atenção daqueles que passam por perto dali diariamente.



Figura 34: Intervenção artística agulhas de Ururay, 2018.
Fonte: acervo Capela de São Miguel pta.



Figura 35: Intervenção artística agulhas de Ururay, 2018 - imagens do processo.
Fonte: acervo Capela de São Miguel pta.

Durante a pandemia do Covid-19, entre 2020 e 2021, tivemos uma nova percepção da cidade por dentro de nossas casas devido ao isolamento social. Minha indagação foi se esse momento fortaleceu os laços das pessoas com o local onde vivem. Isso foi verificado em uma das aulas de Didática, quando, em um trabalho em grupo, aplicamos a oficina “Histórias pela Janela”. A atividade foi inspirada no plano de aula de uma Escola Municipal de Iniciação Artística - MIA. Na atividade, foi notificado o impacto que essa realidade trouxe no emocional dos presentes, o que resultou em um novo espaço de interpretação acerca da cidade. O principal objetivo foi:

Proporcionar uma vivência sensorial através do olhar observador ativo e subjetivo nas relações de ocupação/habitação e pertencimento, através da criação de objetos artísticos fotográficos que provoquem possibilidades de transformação de histórias e/ou narrativas possíveis e impossíveis (Rodrigues, Dellalibera, et al. 2021. p. 2)

Com isso, a reflexão se desenvolveu em narrativas perante os ambientes pessoais e externos em seus meros detalhes e objetos. Dentro da troca com os demais participantes, aguçou um ponto de vista inédito sobre o lugar, estimulando o pensamento coletivo. Ao final, foram criados “registros fotográficos, de histórias e narrativas possíveis e impossíveis entre os objetos do registro e o ser artístico fazedor do registro e conexões.” (Rodrigues, Dellalibera, et al. 2021 .p. 1) .

Contemplei este tipo de atividade novamente em meio ao isolamento, quando participei de encontros virtuais em oficinas propostas pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo em parceria com a Casa Mário de Andrade²². Nos encontros, discutimos a respeito da cidade e a mudança que o território sofreu. No final, fomos convidados a criarmos uma colagem e escrever um trecho que esclarecesse o significado de São Paulo e sua importância para cada um de nós.

Com esses relatos levantados, em conferência à temática do patrimônio e memória visitadas anteriormente no trabalho, o incentivo de um olhar afetivo sobre as ruas dos bairros se abre e interpreta-se a visualidade do cotidiano de maneira poética e aspirante. Por exemplo, no contexto atual econômico em que vivemos, a verticalização expande-se cada vez mais para a periferia. Vários perfis da internet²³ vem ganhando notoriedade no assunto ao registrarem fotos de casas bairristas. As ditas “casas de vó” que afluem nas memórias familiares podem incentivar uma busca por proteção patrimonial por parte dos habitantes, em contraste à veracidade da metrópole de concreto, comuns em tantos bairros de São Paulo. Essa estética afetiva de casinhas é um assunto que pode ser explorado, pois é relevante o ponto de que a Zona Leste mudará cada vez mais sua paisagem nos próximos anos.

²² Esse espaço cultural se encontrava no local onde era a residência de Mário de Andrade na Barra Funda.

²³ Alguns dos exemplos mais conhecidos são o perfil informativo São Paulo Antiga, Antes que Suma, do arquiteto André Gomes, entre outros.



Figura 36: Conjunto de registros das casinhas em minha rua durante a pandemia, 2020.
Não existem mais.
Fonte: autoria própria

Com esse raciocínio, é possível traçar uma proposta de atividade pedagógica no subcapítulo a seguir.

6.1 Plano geral da atividade

Título: Estreitando laços com a cidade.

Para alunos do Fundamental II e do Ensino Médio, ou visitas midiáticas em grupo de ensino não formal.

O foco é para alunos da periferia da Zona Leste de São Paulo, mas pode ser aplicada em qualquer localidade. Caso haja a possibilidade de ser feita junto de professores de outras matérias, como história, geografia, literatura, será de imensa contribuição.

Objetivo: Conhecer e valorizar o espaço urbano e coletivo em que se vive, posto ser pelo conhecimento e pelo estreitamento de laços que se gera o interesse para a ocupação dos espaços e busca de conhecimento interdisciplinar na realidade urbana cotidiana.

Além disso, contribuir no interesse dos alunos a respeito da cidade em seus respectivos sentimentos de pertencimento; exaltar inspirações e expressões artísticas a partir de suas referências pessoais e gostos próprios, mas também trocando informações com os demais alunos e a teoria proposta pelo currículo ou pelo professor.

- Desenvolver o exercício do olhar nas relações entre o cotidiano da cidade e seu bairro de forma objetiva/subjetiva – prestar atenção nos seus arredores;
- Identificar elementos que resgatem relações históricas/afetivas/familiares como caminhos de pertencimento na cidade;
- Refletir sobre os elementos observados e suas relações;
- Incentivar o interesse em conhecer o espaço e suas relações físicas e humanas;

- **Apresentar, a partir da linguagem artística que preferir, uma obra – seja no formato audiovisual, poesia, música, intervenção etc. – que traduz o sentimento e o significado das raízes locais da cidade para cada um;**
- Criar narrativas e discussões acerca do que foi observado e estimado com os demais estudantes.

Proposta:

I. É requerido que a atividade seja dividida em duas partes. A primeira será a parte *in loco* (como discorrido neste trabalho): selecionar um ponto (localidade específica), ou trajeto de relevância histórica e cultural no bairro, com intuito de incentivar a curiosidade, a busca do conhecer e do pertencer a cidade nos estudantes. **Duração 1h.**

Por exemplo: *no centro de Itaquera, iniciar no largo da Paróquia Nossa Senhora do Carmo e conversar brevemente sobre a origem do bairro; citar que a construção foi feita em 1928 de arquitetura inspirada Neogótica; explorar os elementos visuais da igreja e abrir espaço para discussões a respeito da diversidade cultural e religiosa; comentar sobre o significado da palavra Itaquera (“pedra dura”) em tupi, analisando sua tradução no contexto histórico-econômico com a presença das pedreiras da região; correlacionar sua sonoridade com demais palavras em tupi presentes na cidade São Paulo – Itaim, Itaquaquecetuba, Anhangabaú, Tietê etc.*

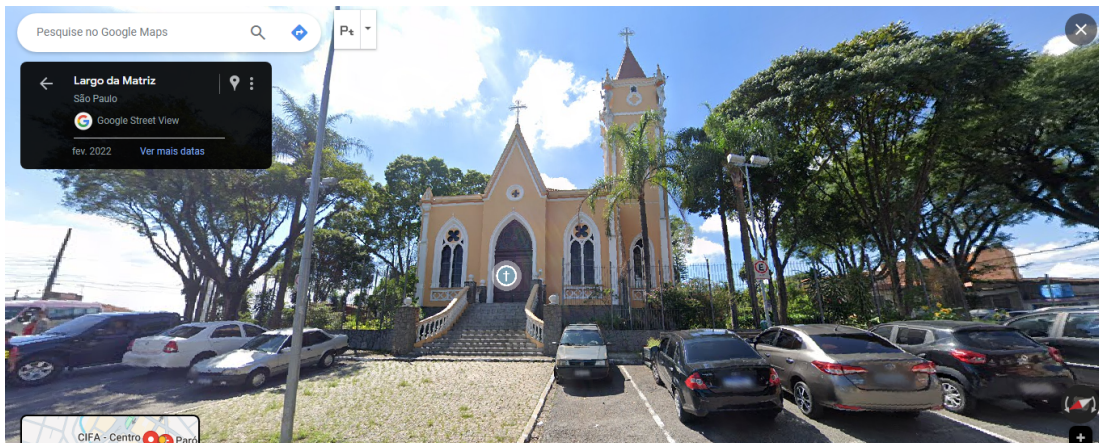


Figura 37: Paróquia Nossa Senhora do Carmo, Itaquera.
Fonte: Google Maps Street View

Depois, a caminhada continua em direção à Biblioteca Municipal Sérgio Buarque de Holanda; identificar que a edificação da biblioteca é uma antiga casebre com alpendre e que, possivelmente, tem relação com a antiga linha férrea da E.F.C.B., a qual passava em frente antes da extensão da radial leste; discutir a respeito da praça Itaquera, que fica na localidade onde era a antiga estação Itaquera do século XIX que seguia o estilo inglês; citar que nessa praça há presença e prática de esportes urbanos, como o skate, e fazer um paralelo com a cultura hip hop nos âmbitos da música e outras ações artísticas em meio urbano; explorar os grafites e a visualidade da cidade a partir deste ponto alto do bairro, abrindo espaço para que os estudantes contribuam com suas bagagens culturais.

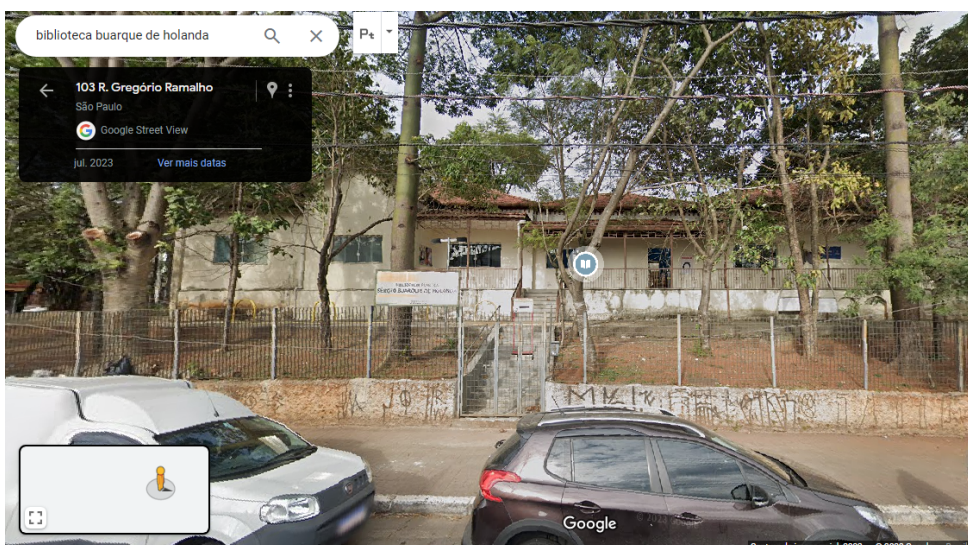


Figura 38: Biblioteca Municipal Sérgio Buarque de Holanda, Itaquera.
Fonte: Google Maps Street View

Finalizar o encontro na casa de memória, conhecida como casa do chefe da estação; sua edificação, da década de 30, atualmente é um centro cultural.

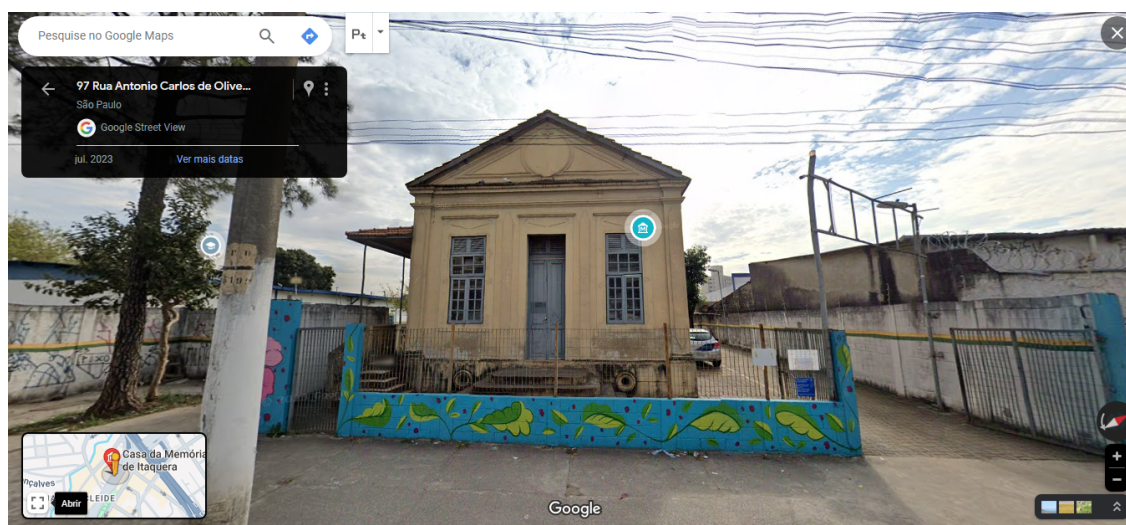


Figura 39: Casa da Memória, Itaquera.
Fonte: *Google Maps Street View*

- II. **Após a etapa do roteiro pedagógico, acontece a contextualização e referências de obras artísticas (duração de mais 1h).** Etapa importante, pois segue a abordagem triangular no âmbito de contribuir com referências e deixar os espectadores gerarem suas impressões com o repertório criado anteriormente na caminhada. Essa conversa é feita no ponto final (no exemplo acima, essa etapa acontece na Casa da Memória). Pode ser interessante levar em consideração o percurso do currículo na escola, para que, assim, o assunto levantado nesse roteiro e na finalização com as referências artísticas, dialoguem com as aulas cotidianas no ciclo.

Primeiramente, é lida a crônica “Tatuapé, o caminho do Tatu” do autor Daniel Munduruku. O autor indígena, nascido no Pará, originado do povo Munduruku, escreveu um livro de crônicas referente a bairros de São Paulo que carregam nomes e histórias indígenas. Nessa específica, o autor inicia fazendo um trocadilho do tatu animal com o “tatu metálico”: o metrô, que segue o caminho que o tatu animal fazia nas florestas, comparando as rotinas ancestrais com a atualidade na cidade. Abaixo alguns trechos da breve crônica:

O tatu na floresta tem uma característica muito interessante: ele corre para sua toca quando se vê acuado pelos seus predadores. É uma forma de escapar ao ataque deles. Mas esse é o instinto de sobrevivência. Quem vive na floresta sabe tipo nem lá dentro de si, que não pode se permitir andar de dar tempo, pois corre um sério perigo de não ter amanhã. O tatu metálico da cidade não tem esse método. É ele que faz o seu caminho, mostra a direção, rasga os trilhos como quem desbrava. É ele que segue levando pessoas para os seus destinos. Alguns sofrem com a sua chegada, outros sofrem com sua partida (Munduruku, 2009. p. 16).

[...]

Não vi nenhum tatu e isso me fez sentir saudades de um tempo em que a natureza imperava nesse pedaço de São Paulo habitado por índios Puris (Munduruku, 2009. p. 19).

Depois da etapa literária, as anexadas obras visuais são colocadas em pauta (de forma impressa ou digital) que retratam períodos distintos referentes à cidade, além de destacar o quesito das linguagens variadas dentro dos movimentos artísticos:

1.



Figura 40: Rio Tamanduateí, São Paulo, SP. Por Antônio Ferrigno, 1894.
Fonte: acervo digital MASP²⁴

2.



Figura 41: Vista de São Paulo, por Agostinho Batista de Freitas, 1970.
Fonte: acervo digital MASP

²⁴ Disponível em: [Rio Tamanduateí. São Paulo, SP, 1894](#). Acesso em nov 2023.

3.



Figura 42: Obra Casinha feita sobre enxada, por Quebradinha (Marcelino Melo).
Fonte: Folha de São Paulo²⁵

²⁵ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2023/01/quebradinha-faz-sucesso-no-instagram-com-mini-aturas-de-construcoes-da-periferia.shtml>

Acesso em nov. 2023

Com isso, o encerramento da exposição de referências é dado tocando a música Saudosa Maloca de Adoniran Barbosa. Abaixo um dos trechos importantes para a discussão:

*Se o sinhô não está lembrado
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Esse adifício arto
Era uma casa velha
Um palacete abandonado*

*Foi aqui seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca
Mas um dia, eu nem quero me alembrá
Veio os homis c'oas ferramenta
Que o dono mandô derrubá*

(Saudosa Maloca, Adoniran Barbosa. 1951).

Com a mostra dessas obras diversificadas, é possível dialogar as relacionando e as comparando dentro dos momentos passados e contemporâneos da cidade. Conversar sobre a importância do rio, da natureza em todos os aspectos de formação do território e sua relação com a Zona Leste ao observar o Tamanduateí na obra 1. O cotidiano dos trabalhadores e povos diversificados que formaram a cidade – a língua, os termos indígenas que nomeiam os bairros, o dialeto caipira como semelhante na música, o sotaque; a questão social de urbanização desenfreada; falar sobre as favelas, a diferença das edificações do centro para a periferia, enfim... Há inúmeras possibilidades de discussão e amplidão para que todos comentem suas impressões, análises e acrescente com suas próprias vivências intrínsecas.

III. A segunda etapa da atividade, caso realizada com uma classe, tem continuidade na sala de aula, dado serem espaços complementares na experiência cultural. A ideia é que, após a etapa de referência e contextualização, os alunos, em grupo ou individualmente, possam realizar suas próprias interpretações e expressar seus sentimentos diante da cidade e da sua regionalidade pela arte. Podem apresentar desenhos, fotografias, colagens, vídeos (até mesmo em formato *tiktok*), composições, poesias, música etc.

Materiais: Notebook, projetor, folhas sulfite, lápis de cor, canetinhas, giz, caderno, cola, tesoura e revistas.

Avaliação: Os alunos devem se dividir e escolher o caminho desejado. Posteriormente compartilhar os resultados. Será avaliado a coerência com o tema de visualidades urbanas, o desempenho em equipe e individual perante a proposta.

7. Considerações Finais

O trabalho aqui redigido se encerra com a reflexão acerca de como a memória e a curiosidade aguçada a respeito do local em que se vive pode aflorar uma relação entre a cidade e o morador. Em São Paulo isso pode parecer meio difícil, especialmente para quem está nas zonas periféricas, entretanto, quando cultivado o sentimento de pertencimento, é possível resultar em expressão poética e sentimental nas mais diversas linguagens artísticas.

A escola e a mediação, aproximação de instituições culturais e participação em atividades educativas, são caminhos para que os estudantes desde cedo estreitem esse laço afetivo com seu território. E isso acaba sendo um impulso para explorarem cada vez mais lugares e realidades diversas.

8. Apêndice

Trago aqui um cartaz elaborado por mim e professoras da E.M.E.F. Luís Saia. A proposta foi feita para a comemoração do aniversário do bairro e da Capela de São Miguel em 2022. Na imagem é relatada a relação do arquiteto que nomeia a escola e o patrimônio do bairro.



Figura 43: Cartaz didático O Arquiteto & a Capela, 2022
Fonte: elaboração própria

9. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. S. **Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 56, p. 151-172, jun. 2013. DOI: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i56p151-172>> Acesso em mar. 2023

ALMEIDA P.; GOULART M; et al. **Territórios de Ururay**. Movimento cultural da Penha. São Paulo, 2016, 1ª edição. 170p.

ALMEIDA, W.; MACEDO J. G. **Penha de França**, São Paulo : Arquivo Histórico Municipal, 2017. 96 p. il. (História dos Bairros de São Paulo ; 31) Disponível em: <[Monografias de História dos Bairros de São Paulo | Secretaria Municipal de Cultura](#)> Acesso em abr. 2023

BARBOSA, A. M. T. B.; PORTELLA, A. et al. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008. 184p.

BARBOSA, A. M. T. B. **Arte-educação no Brasil** - 1. ed. - São Paulo: editora Perspectiva LTDA, 2019. 136p.

BONTEMPI, S. **O bairro de São Miguel Paulista**. São Paulo, 1970: editora Bisordi. 186p.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CARVALHO, V. C.; ONO R.; et al. **Memórias da Independência: Museu do Ipiranga** - USP. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2023. 19 p.

COUTINHO, R. G. **EDUCAÇÃO EM MUSEUS: FIOS PARA TECER UMA NARRATIVA..** In: (Re)existências: anais do 30º encontro nacional da ANPAP. Anais...João Pessoa(PB) ANPAP, 2021.
<<https://www.even3.com.br/anais/30ENANPAP2021/383591-EDUCACAO-EM-MUSEUS--FIOS-PARA-TECER-UMA-NARRATIVA>>. Acesso em Mar. 2023

DANTAS, A. S. R. . (2021). **Expansão escolar pública e privada na periferia de São Paulo (1900-1964)**. Educação E Pesquisa, 47, e227795.
<<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147227795>>. Acesso em out 2023.

DELLALIBERA, M. A. P.; GOMES R.; OLIVEIRA; V. J.et al. **Histórias pela Janela: Proposta pedagógica para 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II. Atividade final da disciplina de Didática**, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 184p.

LEMOS, A. I. G. **Itaquera**. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico (história dos bairros de São Paulo, 1999). 155p.

MAYUMI, L. **Restauração de casas bandeiristas: experimentações e permanência**. Revista CPC, (22), 62-114. (2017) Disponível em <[Restauração de casas bandeiristas: experimentações e permanência | Revista CPC](#)> Acesso em nov. 2023

MELO, J. M. **Itaim Paulista**, São Paulo : Arquivo Histórico Municipal, 2017. 216p. il. (História dos Bairros de São Paulo ; 33) Disponível em: <[Monografias de História dos Bairros de São Paulo | Secretaria Municipal de Cultura](#)> Acesso em abr. 2023

MONTANARI, T. C. (2021). **A decoração da Capela de São Miguel Arcanjo em São Miguel Paulista (SP)**. Estudos Avançados, 35(102), 247-262. <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35102.015>> Acesso em nov. 2023

MOURA, C. E. M. **Vida cotidiana em São Paulo no Século XIX**. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2013. 410p.

MUNDURUKU, D. **Crônicas de São Paulo**. 1. ed. eletrônica, 2011. São Paulo: Callis Editora Ltda.

RODRIGUES, W; BORGES, A. A. P.; MEDEIROS, V. S. **Memória e história na crônica “Tatuapé, o caminho do tatu”, de Daniel Mundukuru**. Revista Húmus, 2020. 10(30). Recuperado de <[Memória e história na crônica “Tatuapé, o caminho do tatu”, de Daniel Mundukuru | Revista Húmus](#)> Acesso em out. 2023

SME, Secretaria Municipal de Educação de São Paulo **Orientações didáticas do currículo da cidade: Arte**. – 2.ed. – São Paulo : SME / COPED, 2019. 120p. : il. Bibliografia. 1.Educação – Currículo. 2.

TIRAPELLI, P. **Arte Sacra: gênese da fé no novo mundo**. Coleção de Arte no acervo dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo. 1. ed. São Paulo: Imprensa oficial, 2007. 138p.

VILADARGA, J. C. **No fluxo do Anhembi-tietê: o rio e a colonização da capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII**. Artigo. OpenEdition Journals. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/82993>> Acesso em out.2023